

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	00	07	F50	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Cidade de Natividade
LOCALIDADE	Natividade
MUNICÍPIO / UF	Natividade/TO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Serra de Natividade
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Serra olhos D'água
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o Anexo 2: Registros audiovisuais. Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 10



F1 - TO010007F1A2nº00A1 F 13 Alto da Serra 004- Fundação Aroeira 2005



F2- TO010007F1A2nº00A5 F 17 Alto da Serra 004- Fundação Aroeira 2005

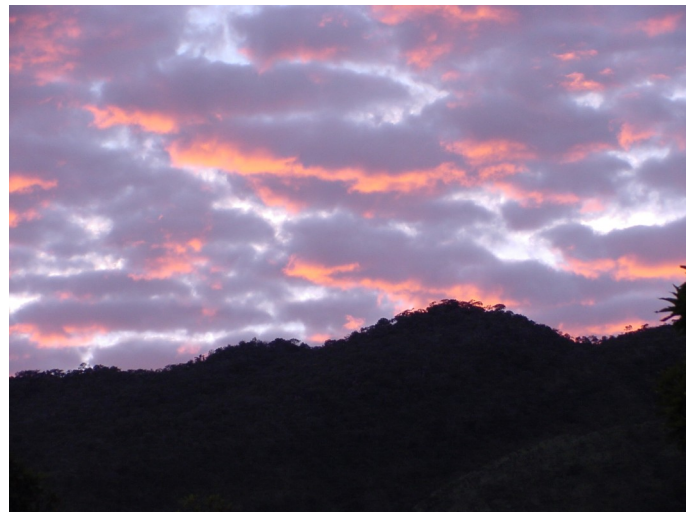
Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o Anexo 2: Registros audiovisuais. Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 10

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES

TO 01 00 07 F50 01



F3- TO010007F1A2n°00A6 F 18 Alto da Serra 004- Fundação Aroeira 2005



F4- TO010007F1A2n°00A7 F 19 Alto da Serra 004- Fundação Aroeira 2005



F5- TO010007F1A2n°00A11 F 23 cidade - Alto da Serra 004- Fundação Aroeira 2005



F6- TO010007F1A2n°00A10 F 22 cidade - Alto da Serra 004- Fundação Aroeira 2005



F7- TO010007F1A2n°00A15 F 27 Serra 004- Fundação Aroeira 2005



F8- TO010007F1A2n°00A16 F 28 Serra 004- Fundação Aroeira 2005

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01**

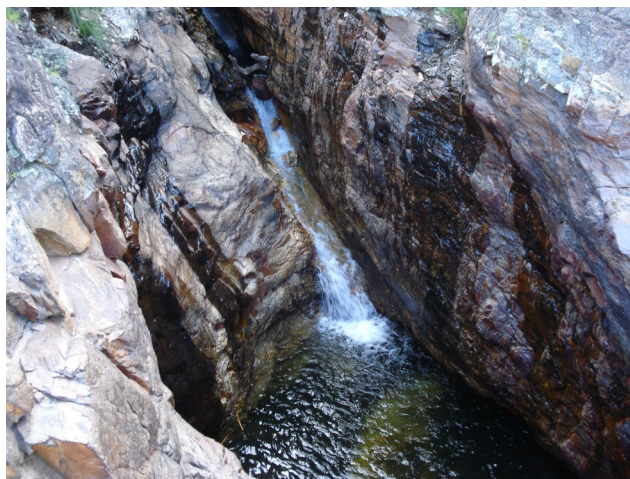
F9- TO010007F50A2n°10 F 2 Serra Rafael Mendes agosto 2007



F10- TO010007F50A2n°10 F 1 Serra Sandra Lima agosto 2007



F11- TO010007F50A2n°10 F 8 Cachoeira Paraíso Sandra Lima agosto 2007



F12- TO010007F50A2n°10 F6 Cachoeira Paraíso Sandra Lima agosto 2007



F13- TO010007F1A2n°00A13 Poço F 25 Fundação Aroeira 2005



F14- TO010007F1A2n°00A19Poço F 31 Fundação Aroeira 2005

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01**

F15- TO010007F5002A2n°11 F60 praça Matriz - Foto Raphael Mendes 05-2007



F16 - TO010007F2001 F 53 Festa do Imperador do Divino Foto Raphael Mendes 05-2007



F17 - TO010007F2001 F 53 Ruina Festa do Divino Foto Raphael Mendes 05-2007



F1 - TO010007F5002 F 43 Chegada da folia do Divino Foto Raphael Mendes 05-2007

3.1. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO - CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Serra da Natividade tem a cidade praticamente a seus pés em seus trechos finais de transição da Serra Geral da Bahia, próxima da margem esquerda e arenosa do Córrego da Praia e oposta à montanha. Ela se apresenta como um conjunto montanhoso com altitude média de 500 metros, podendo chegar a 850 metros. A Serra da Natividade apresenta vegetação típica do cerrado, com presença de frutas nativas, tais como caju-do-campo (cajuí), pequi, mangaba, jatobá, e de árvores como ipê, sucupira e timbó, além de diversas nascentes de águas cristalinas que formam locais de banho, abastecimento e lazer. Ela faz parte de um complexo natural que está intrinsecamente ligado à história de fundação do Arraial de Natividade:

(...) a Serra da Natividade, o elemento geográfico contribuindo e interferindo na vida do homem. (...) Natividade não será entendida se desvinculada deste elemento geográfico, que influenciou na história e na vida daquele núcleo urbano, minerador por excelência. A imensa Serra da Natividade era fonte de matéria-prima da atividade econômica básica da população que ali se estabeleceu. A serra torna-se, para o homem, um elemento econômico fundamental à sua própria sobrevivência¹.

Por toda a extensão da serra existem vestígios de estruturas antigas em ruínas onde trabalhavam os escravos, com a presença de diques, galerias e valas. O subsolo da serra é propício ao garimpo e é rico em quartzo mikásseo, sendo, por isso, amplo o cuidado para que não haja depredação e um turismo desordenado. A serra possui um conjunto significativo de lugares que fizeram parte da história de construção da cidade de Natividade, abrigando os primeiros garimpos aluvionais, dando origem ao ciclo do ouro na região do norte de Goiás.

¹ SANTOS, HELENA M. S.; CHUVA, MÁRCIA R. R. *ESTUDOS DE TOMBAMENTO*. RIO DE JANEIRO: IPHAN, 1995. p. 25-26.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01**

Algumas pessoas representativas da comunidade nativitana apontam a serra como o local referencial do nascimento da cidade. Felisberta conta que: “A serra de São Luiz é onde tudo começou, a primeira cidade foi começada em cima da serra, a importância da quantidade de ouro que tinha, a quantidade de escravos era 40 mil, veio senhores de várias partes pra cá... eu acho que a serra é onde começou a nossa história de... Natividade”.

O Sr. Joaquim Cerqueira, procurador da sorte do Divino, aponta que: “Natividade foi uma cidade que foi originária através do ouro... os escravos lá em cima dessa serra... eles extraíam o ouro manualmente”.

Já o Sr. Alarico Suarte por sua vez relata que: “A origem dela é da bandeira dos portugueses, que adentraram aqui em busca das minas de ouro... isso aqui foi uma das principais jazidas de ouro daquela região...” (da serra).

Segundo Flavio, condutor turístico:

A cidade nasceu nas ruínas (na serra)... da primeira cidade chamada antigo Arraial de São Luiz em homenagem a dom Luiz de Mascarenhas, antigo governador de São Paulo, então vieram diversos bandeirantes pra cá em busca do ouro... faz mais de 300 anos... existem outras ruínas na serra, mas esta da cidade é a maior e a mais preservada,... Conforme o ouro foi se esgotando eles desceram para a encosta ocidental que lá recebeu o nome de Natividade.

A Serra da Natividade emoldura a cidade, na verdade ela serve como referência aos vários momentos importantes da cidade. Ela pode ser vista servindo de pano de fundo a várias das mais importantes edificações da cidade, como pode ser visto nas fotos:

A Serra da Natividade² possui uma característica especial: para a cidade ela é tanto paisagem natural quanto construída. A serra é cheia de nascentes e córregos, onde foram construídos canais que auxiliaram a mineração do setecentos. Atualmente, a serra é um ponto turístico de Natividade não só pelas ruínas que lá se encontram, lembrando o momento do Arraial de São Luiz, mas também como lugar de passeio, onde turistas apreciam a vista da cidade, aos seus pés. Na segunda metade da década de 1980, quando a cidade foi tombada pelo Iphan como patrimônio histórico, a serra, em sua face ocidental, fazia parte deste núcleo. Paisagem natural e paisagem construída formam uma identidade indissociável para a cidade de Natividade³. Contudo, a face oriental da serra foi excluída do tombamento, o que vem trazer prejuízos ao interesse preservacionista⁴.

A serra é composta por lugares bastante significativos, tais como o Córrego Praia ou Córrego São Luiz, que recebeu o nome do povoado formado no topo da serra, que nasce na Serra da Natividade, pelo lado leste da cidade. São águas cristalinas que correm entre pedras e que formam poções que servem para o lazer da população de Natividade. Tem mais ou menos dez anos que foram abandonadas práticas como a de se lavar roupas, de se buscar água para a higienização das casas e de se lavar utensílios domésticos. Nele é que se formam as piscinas naturais, conhecidas como “Poções”.

Os Poções são verdadeiras piscinas naturais: o poço do Moinho e as cachoeiras são os mais visitados, entre dezembro e abril principalmente, quando estão cheios. Entretanto, segundo os moradores, a captação de água na serra reduziu consideravelmente o volume de água destes redutos naturais; durante o período da estiagem, principalmente, já não é possível usufruir do córrego, mesmo para banhos. E não existe qualquer infra-estrutura de apoio, próxima dos locais de banho (Plano Diretor, 2005, p. 112 e 125). O local tem sido usado de modo desordenado, o que tem trazido certo comprometimento no que se refere ao meio ambiente: muito lixo, garrafas e sacos plásticos, bem como cacos de vidro podem ser encontrados no local, levando ao risco de um assoreamento ainda maior.

São várias as cachoeiras nos córregos Porteira e Piabanha. Estes descem do alto da Serra da Natividade e formam diversas piscinas com água cristalina e lindas paisagens. Daí vem a denominação de Paraíso. É comum, no local, a presença de bromélias, cactáceas, papiros e várias frutíferas. Fica a nove quilômetros do centro da cidade e o acesso é feito pela Rodovia Natividade-Dianópolis. Das piscinas naturais, a cachoeira do Paraíso é a mais conhecida, principalmente pela presença de seus conhecidos poços, entre eles: o poço Principal, o poço do Chupé, o Sumidouro, o Purgatório.

A Lagoa Encantada também fica nos Poções e, segundo depoimento do Sr. Teodoro⁵, a lagoa foi construída artificialmente pelos escravos como forma de represar a água, bastante profunda; inclusive ele lá banhou-se por várias vezes. Diz o mito que existia uma serpente de asas muito grandes, cujo rabo ficava embaixo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Natividade e a cabeça dentro da Lagoa Encantada, em cima da serra. Todos os sábados as mulheres deveriam se reunir para rezar o Ofício de Nossa Senhora. Se por algum motivo as mulheres deixassem de rezar, a serpente voaria e destruiria a cidade. Atualmente a lagoa está bastante assoreada. Segundo Simone⁶, a Lagoa Encantada foi perfurada por pessoas à procura de ouro.

(...) A lagoa, que a gente chama de Lagoa Encantada. (...) Garimpeiros que arrombaram, tiraram a água pra pesquisa, que lá tinha, tem uma lenda que existia ouro, o povo jogava ouro e quando puxava o capim e fazia teste tinha um pouco de ouro, então resolveram abrir e fazer um buraco dentro da lagoa⁷.

2 REFERENTE À FICHA DO SÍTIO _ TO000107F1001.

3 DISPONÍVEL EM: <FTP://GEOFTP.IBGE.GOV.BR/MAPAS/TEMATICOS/TEMATICO_ESTADUAL/TO_GEOMORFOLOGIA.PDF>. ACESSO EM, 6 MAIO 2008.

4 DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.ALTIPLANO.COM.BR/0711NATIVIDADE.HTML>. ACESSO EM, 6 MAIO 2008.

5 TEODORO NUNES DA SILVA _ TO010007F1A4 N° A70.

6 TO010007F1A4 N° A36.

7 ENTREVISTA EM NATIVIDADE, 23/8/2007 - TO010007F1A2A N° 34A85. ENTREVISTADORAS: SÔNIA E VALDIRENE. ENTREVISTADA: SIMONE CAMELO ARAÚJO, REPRESENTANTE DO MONUMENTA, DA ASCCUNA E DEVOTA DO DIVINO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01**

Quanto às Ruínas de São Luiz, nela se localizaria o antigo Arraial de São Luiz, que foi o núcleo que deu origem à cidade de Natividade, em “homenagem ao governador de São Paulo, dom Luiz de Mascarenhas⁸”, no início do século XVIII. Sua posição era estratégica para a atividade de mineração do ouro existente na Serra da Natividade. O crescimento acelerado do povoado foi se estendendo para o sopé da serra, onde a cidade está situada atualmente. Da cidade velha restaram ruínas. Além das ruínas das casas existem aquedutos feitos pelos escravos, formados de canaletas abertas, com paredes de pedra tapiocanga. O aqueduto era utilizado para levar as águas dos córregos para a lavagem do ouro. Muitas ruínas foram danificadas por visitantes e principalmente por garimpeiros que ainda tentam explorar as áreas percorridas pelos bandeirantes.

Existem ainda várias trilhas que permitem caminhadas até o topo da serra e de lá se pode observar toda a paisagem circundante e a cidade de Natividade. O período de maior visitação às cachoeiras ocorre de dezembro a abril e a partir de setembro para a coleta do cajuzinho. Na serra são encontradas diversas espécies do cerrado e é nela que os curadores, benzedores e raizeiros buscam as ervas para fazer seus remédios e garrafadas.

3.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Os marcos edificados da Serra da Natividade compreendem os vestígios das Ruínas de São Luiz e toda canalização, diques e construções que deram base à exploração aurífera na serra, conforme entrevista realizada com Simone Camelo:

(...) Tem, tem as divisas dos lotes, no alto da serra, que foram feitas por escravos. Tem as canalizações de águas, tem fornos, tem vestígios de algumas construções, tem algumas casas, algumas paredes, né, tem bastantes espalhados em vários lugares e uma área que tem um pouco mais de concentração, que o povo fala que é cidade velha. Eu tenho uma outra visão com relação a isso, eu acho que eram realmente locais de exploração. Onde você anda, que eu já andei muito nessa serra, você vê os vestígios e eram divididos por lotes, e aquele local pode ter sido um local de organização de poder, pra concentrar, é um local com uma vista, um controle maior das minas e então tem um maior número de casas de ruínas, de vestígios, na realidade são pequenos vestígios, as pessoas imaginam chegar lá encontrar ruínas grandes e tal, mas não. São espalhados, tem algumas casas maiores que tão até assim, garimpeiros destruíram bastante, que aquele negócio que tinha ouro nas paredes, pessoas derrubando as paredes. Então tem ruínas que já foram bastante depredadas e, mas infelizmente a gente não tem o controle, né⁹.

3.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

O conjunto de Lugares da Serra da Natividade tem sido utilizado para usos de lazer e do turismo ambiental. Este ponto necessita de maior aprofundamento, no sentido de gerar ações mais ordenadas para a preservação e conservação ambiental.

⁸ SEGUNDO A ENTREVISTA COM FLÁVIO PEREIRA DE SOUZA _ TO010007F1A4 Nº 35.

⁹ ENTREVISTA EM NATIVIDADE, 16/1/2007 _ TO010007F1A2A Nº 34A1. ENTREVISTADORA: SANDRA. ENTREVISTADO: SIMONE CAMELO ARAÚJO, REPRESENTANTE DO MONUMENTA, DA ASCCUNA E DEVOTA DO DIVINO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01****4. FORMAÇÃO DO LUGAR****4.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Ruínas de São Luiz – Dentre os lugares que compõem o conjunto de lugares da Serra da Natividade, destacamos as Ruínas de São Luiz, pois elas vão ser o fio que irá conduzir todo o processo de ressignificação dos sujeitos sociais, os quais, por meio do seu trabalho escravo, possibilitaram o surgimento de Natividade como referência na produção aurífera do norte de Goiás. O fio do ouro, fio da prata, que geram o fio da filigrana e se entrecruzam com o fio da vida... vida de todos e de cada um, e se traduzem na história dos ourives nativitanos, evidenciam aspectos significativos de sua bela história. Cidade esta que mantém vivas diversas manifestações da cultura imaterial, como é o saber fazer de mais de 200 anos da arte de joalheria, representada pela técnica da filigrana desenvolvida em ouro e prata. A cultura material e principalmente a imaterial sendo ressignificadas, sem deixar de observar as origens e o sentido de todo o processo da mineração na organização das cidades históricas coloniais do Brasil.

A mineração, não só no norte goiano, mas em toda a Capitania de Goiás, foi basicamente de cascalho, ou melhor, de jazidas sedimentares do ouro aluvional. O ouro aluvional era, normalmente, encontrado no fundo dos córregos e rios. Esse tipo de mineração também podia ser de tabuleiros (nas margens planas pouco elevadas sobre as águas) ou de grupiara, nas pequenas encostas que margeiam as correntes de água. Outrossim, como já fora dito, havia preferência pelos negros mina, que por sua vez tinham um preço naquela região muito valorizado em função de sua alta produtividade e experiência, ficando evidenciado desse modo que o tráfico obedecia a demandas específicas, como estas existentes nas vilas coloniais mineradoras. Nas minas, havia preferência pelo trabalhador masculino, embora se saiba que em África a lida nas minas era exercida também por mulheres, também exímias conhecedoras da arte de minerar. Aqui, os escravos desempenhavam as mais diversas funções: eram faiscadores, administradores, bateadores, ferramenteiros, ourives¹⁰.

4.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Lenda da Serpente de Asas – possui a cabeça na Lagoa Encantada e o rabo na Igreja Matriz:

(...) serpente mora na caverna que principia debaixo da Igreja Matriz de Natividade e vai acabar debaixo da Lagoa Encantada. A cabeça fica debaixo da Lagoa Encantada, muitos metros abaixo da superfície: a ponta do rabo está justamente debaixo da Matriz. É uma espécie de dragão como aquele de São Jorge... Enquanto, porém, existirem velhas rezadeiras em Natividade, aos sábados rezando o Ofício de Nossa Senhora... não prevalecerá o poder da serpente e o povo de Natividade, Bonfim e redondeza viverá em segurança. (...) se ainda não a destruía, devia-se o milagre à proteção da Padroeira que, a cada sábado, lhe fazia cair as penas das asas, criadas durante a semana e destinadas a permitir-lhe o voo até o cobiçado objeto de sua destruição. E o milagre da Virgem se verificava em atenção ao Ofício de Nossa Senhora, que todos os sábados eram rezados, religiosamente, em sua igreja¹¹.

A história contada pelo Sr. Moisés sobre a origem da cidade na serra:

Sim, a história que eu sei contar de Natividade é do princípio de Natividade, antes de existi Natividade eu sei contá do princípio, como começou essa cidade, não era aqui, era lá em cima daquela serra alta acolá, de lá que mudou pra cá, eu sei contá de lá, o princípio dela lá até chegou aqui (...) Quem me contou foi um escravo velho que ficou morando aqui, depois que gritou a liberdade aqui os escravos foram embora e ficou um escravo velho morando aqui na cantina deles aqui, e esse escravo ficou ele e a mulher dele aqui, a mulher dele chamava Ana, ele chamava Vitor (...) e então esse escravo passou a me contá todinha de quando eles vieram da África pra cá, é uma história muito comprida. (...) Essa cidade aqui não existia, existia uma fazenda na ponta daquela serra acolá por nome de Caiçara, existia outra acolá por nome Ave Maria, a fazenda, o nome da fazenda Ave Maria e Caiçara acolá na ponta da serra, e aí dois vaqueiros daquela fazenda Caiçara, porque naquela época o inferior tratava o superior como meu amo (...) eu sei que aqui tá com 279 anos a Natividade aqui. Aí o patrão dos vaqueiros, eles era dois vaqueiros da fazenda Caiçara, eles comia na mesa do patrão, naquela época, e eles tratava o patrão de meu amo, era linguagem daquela época, e aí quando foi a boca de noite, à tardinha, ele chamou eles, mas cada um morava na casa deles mas comia na mesa com o patrão, ele disse: “Meninos, vem pra cá pa jantar”. E aí eles vieram jantar na casa do patrão, na mesa do patrão, chegou jantaram, terminou de jantá, aí ele chamaram um ao outro disse: “Fulano, vamos no campo da serra amanhã”. Disse: “Vamos”. Tinha muito gado da fazenda Caiçara nessa serra aí ó, lá em cima tem vajão, tem pejaria tudo aí em cima, tem fazenda aí em cima. E aí eles foram, e aí eles combinaram vamos no campo da serra amanhã.

¹⁰ BONFIM, WÁTILA MISLA FERNANDES. *ESCRavidão: AS ORIGENS ÉTNICO-LINGÜÍSTICAS E AS DENOMINAÇÕES BRASILEIRAS DOS ESCRAVOS E ESCRAVAS DE NATIVIDADE DO SÉCULO XIX – 1801-1810*. 2007.

¹¹ José Lopes Rodrigues, in: Fundação Cultural do Tocantins. Monumentos Históricos de Natividade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01**

Aí, quando foi cedo, eles arrumaram o curral e pegaram os animais e arriou é um foi na dispensa do patrão. Foi na dispensa do patrão e tirou um pedaço de carne-seca. É porque naquele tempo todos os fazendeiros tinha carne-seca na dispensa, era acabando uma e matando outra vaca pra secá pra pôr na dispensa, aí ele foi na dispensa pegou pedaço de carne, outro foi pegou a farinha e puseram no alfoje (...). Puseram. O alfoje é de couro, é duas capangas de couro pra gente botar por cima da sela assim, e eles fica espendurando de um lado e do outro. Aí colocou a farinha e carne dum lado e do outro do alfoje e subiram a serra pra é cambiar, cambiaram até o meio-dia subiram a serra pra é cambiar, cambiaram até o meio-dia, até perto do meio-dia e não achou o gado todo. Disse: “Agora fulano, vamos lá pra beira da água que nós vamos assar a carne e comer e descasar os animais”. Diz: “Vamos”. Aí eles procurou a beira da água, um disgoto de água tem em cima, lá onde era a cidade e vem descer lá naquela baixa, que é a água que nós serve com ela aqui. Aí eles procurou a beira da água e assou a carne e comeram, aí um terminou primeiro do que o outro, terminou primeiro do que o outro e disse: “Eu não quero mais, eu tou com muita sede, eu vou beber água”. Aí levantou e foi para a beira da água, chegou lá baixo, encostado na beira da água, jogando água na boca com a mão assim, aí ele olhou no fundo da água e tava aquelas pedras amarelas, tudo amarela dentro da água assim, ele disse: “Mais que pedras bonitas”. Meteu o braço lá dentro e pegou uma pedra mais ou menos assim. Ele disse: “Mas que pedra pesada, tá parecendo o tal do ouro que o povo fala nele”. Ele pesando sozinho, lá isso tá parecendo o tal do ouro que o povo fala nele, o outro foi chegando, ele disse: “Fulano, pega o peso dessa pedra aqui”. E pois na mão do outro. O outro disse: “Moço, você sabe que isso vai ser o ouro que o povo fala nele”. Ele disse: “Eu tou pensando que seja”. Aí ele meteu o braço lá e pegou mais três, já tava com uma e pegou mais três pedras, e naquela época esse povo pobre, mais inferior, principalmente vaqueiro, usava umas blusas de algodão, tecido no tear que as mulher tece aqui as roupas, fazia, hoje não usa isso mais (...). Ele tava com uma blusa de algodão e colocou as pedras na gibreira, duas de um lado é duas do outro, aí pegaram os animais e juntaram o gado e juntou o gado todo e levou para a fazenda, chegou lá e apartou tudo. Quando foi na hora da janta, à noite o patrão chamou ele disse: “Meninos vem pra cá pra jantar”. E eles viram chegou jantar, quando terminou de jantar ele lembrou nas pedras da gibreira: “Meu amo nós achamos umas pedras lá em cima da serra é eu trouxe pra mostrá por senhor pra ver ser o senhor conhece que pedra é essa”. Ele meteu a mão na gibreira e colocou na mão do patrão, ele disse: “Isso aqui é ouro puro. Aonde vocês acharam essa pedra?”. “Lá em cima da serra dentro da água”. “Pois amanhã vocês arruma o curral cedo é pega dois animais pra um de vocês mi mostrá aonde vocês pegaram essas pedras”. E assim eles fizeram, no outro dia arriou os animais cedo e subiram a serra, chegou e disse: “É aqui”. Aí aprearam e foram lá pra beira da água, ele olhou pra cima e olhou pra baixo é tava amarelo dentro da água, aí ele meteu o braço lá e pegou mais duas pedras e viu que era o ouro mesmo e confirmou que era o ouro mesmo. Aí ele disse: “Vamos embora”. Aí desceram a serra de lá pra cá, fazenda Caiçara. Aí quando foi à noite ele falou para os vaqueiros: “Amanhã vocês levanta bem cedo arruma o curral e um de vocês é pra vir comigo em Porto Real”. Ele disse: “Sim, senhor”. Que é Porto Nacional hoje. Aí levantaram cedo, arrumou o curral e pegou os dois animais dos mais fortes e arriaram, aí eles fez uma embalagem de quatro pedras dessa é colocou no alfoje e foram para Porto Real, ele é um dos vaqueiros, chegou em Porto Real eles procurou, porque naquela época a justiça era coronel e major. É que era a justiça naquela época, aí ele procurou a casa de um coronel, chegou lá ele disse “cadê o coronel fulano”, ele já conhecia, “ele tá aqui pra dentro”, ele disse “chama ele aí pra mim”, aí o menino entrou e chamou: “Aí tem dois homens querendo ver o senhor”. Aí o coronel saiu e disse: “Sim, senhor”. Aí ele disse: “Eu quero falar com o senhor”. Aí ele disse: “Entra e senta”. Aí eles entraram, aí ele disse: “Olha, coronel, eu vim aqui trazer umas pedras por senhor pra ver ser o senhor conhece, pra ver que pedras são essa”. Aí ele foi no alfojes lá for a, onde tava os animais, pegou as quatro pedra em uma embalagem só, entregou para ele, pois em cima de uma mesa e desatou as pedras que tava amarada na embalagem; as pedras caiu em cima da mesa. Aí ele disse: “Aqui é ouro puro”. Ele pegou as pedras uma por uma. “Aqui é só ouro puro, não tem outra mistura”. Aí ele falou assim: “Eu preciso dessas pedras”. Aí ele disse: “Não eu trouxe para o senhor, o senhor faz o que quiser das pedras, é para o senhor”. Aí ele procurou quanto que era, aí ele disse “não é nada, não”. “Eu trouxe por senhor fazer o que quiser fazer com as pedras”. Aí deram pra eles uma merenda, aí eles voltaram pra trais e vieram embora, o coronel fez uma carta, naquela época a gente viajava ou de animal ou de a pé ou embarcado por água. A embarcação já vinha em Porto Real, a embarcação. Aí ele fez uma carta muito bem feita, o coronel, para princesa Isabel em Portugal, e embalou as quatro pedras muito bem embalada, é mandou junto com a carta para princesa Isabel em Portugal, mandou embarcado por água, aí foi embora e acabou a notícia, quando é um dia ela chega lá na casa procurando por esse coronel. Aí ela disse “aqui que mora o coronel fulano”, aí um disse “é aqui mesmo”, aí ela disse “cadê ele”, “ele tá aqui pra fora no quintal”, “chama ele pra mim”, aí moça entrou lá, a moça tava limpando assim na porta da rua, aí a moça encostou a vassoura é entrou lá, aí ela falou “aí tem uma mulher chamando o senhor”, aí ele chegou é disse “sim, senhora”, aí ela disse “eu quero falar com o senhor, eu sou a princesa Isabel que o senhor mandou o ouro e carta”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01**

Sandra: Ela veio até aqui ? (a princesa Isabel)

Moisés: Ai ele falou: “Vamos entrá pra cá”. Recebeu ela muito bem, aí ele foi e perguntou se ela tinha recebido a carta e ouro. “Recebi por isso quer eu tou aqui, eu preciso ver aonde tem esse ouro, aonde foi pegado aquelas pedras de ouro”. Aí ele disse: “Isso é muito difícil pra a senhora chegá lá, porque não tem jeito, porque a senhora tem que de ir de a pé ou cavalo, é o único jeito que tem”. Ela disse: “Eu vou a cavalo, o senhor arruma um animal arriado e uma pessoa competente pra mi levá lá, que eu vou a cavalo”. Aí ele foi, naquele tempo quando mandava uma pessoa no lugar chamava positivo, ele foi e mandou um rapaz buscá o fazendeiro que levou as pedras pra ele, disse assim “você vai lá e busca o fazendeiro, leva uma carta é entrega por fazendeiro, eu chamando ele pra vim aqui, ele vem com você”. Sim, senhor, e veio, aí ele falou “eu acho impossível a senhora chegá lá porque daqui lá é 30 légua, porque naquele só falava em légua, daqui lá é 30 légua, aí ela disse “eu vou”. Aí ele falou “eu mandei buscá o fazendeiro pra levar a senhora, ele é muito capaz de levá a senhora é trazer”. Aí ela disse “sim, senhor”. Aí veio e buscou o fazendeiro. Aí o fazendeiro chegou lá, ele apresentou o fazendeiro pra ela, é eles ficaram trocaram de idéia, aí ele falou assim pra ela “a senhora não tem jeito de chegá lá! Ela falou que tinha quer, ele foi chamado do coronel pra ele trazer ela aonde tinha o ouro. Ele disse “não tem jeito da senhora chegá lá, daqui lá é 30 légua, a senhora não dá conta, que a senhora não dar conta tem que de a pé ou cavalo”. Aí ela disse “eu já arrumei o animal com o coronel aqui, é eu vou”. Aí posou lá, quando foi no outro dia arriaram os animais e desceu de lá pra cá, ele fazendo viaje curta, até chegou na fazenda fazendo viagens curtas pra ela não cassar, até chegou na fazenda. No outro dia ele falou assim “a senhora é que marca a hora de nós chegá lá no ouro ou o dia que a senhora quiser i lá”. Aí ela disse “nós vamos amanhã”. Eles falaram de noite, “nós vamos amanhã”. No dia que eles chegou eles falou isso, aí, quando foi no outro dia, aí merendaram e disse assim “vamos lá”, aí pegaram a estrada lá pra cima da serra, foram de a pé, ela disse “quanto é daqui até meia légua”, aí ela disse “eu dou conta, vamos embora de a pé” e aí foram de a pé. Chegou lá ele mostrou pra ela, “olha aqui aí dentro dessa grutinha, quando a senhora olha aí pra cima e para baixo quer a senhor ver amarelo dentro da água”, aí ela foi olhá é pegando pedra de ouro, aí ela disse “é ouro puro mesmo, é muito ouro”. Ela olhou de cima abaixo, só ouro. Aí ela disse “vamos embora, já vi”. Aí vieram para a fazenda, aí pousaram aí na fazenda e quando foi à noite ela disse “eu quero que o senhor vai me deixá lá em Porto Real”. Aí ele disse “sim, senhora”. Aí merendaram, de manhã arriou os animais é foram para Porto Real. Chegou lá em Porto Real ele voltou pra trais, o fazendeiro voltou pra trais. Aí ela foi é feita uma carta muito bem feita é mandou para o dirigente dos escravos na África, mandou para o dirigente dos escravos na África, aí chegou lá o dirigente leu, aqui tá pra mim mandar quarenta e cinco mil escravos pra Porto Real, aí ele foi avisá para os escravos que era pra eles vim essa viagem pra Porto Real, aí foi mandado é foi embarcado por água, mandando aqueles grupos de escravos é ela aqui recebendo em Porto Real, recebendo os escravos, recebendo e contando quando chegou quarenta mil escravos, os derradeiros trouxe uma carta do dirigente de lá que só vinha quarenta mil, não vinha os cinco mil. Aí ela disse “já chegou tudo aqui conta quer só vem quarenta mil, aqui já tem os quarenta mil”.

Sandra: Daí que surgiu a história dos quarenta mil?

Moisés: É. Aí ela disse: “Já tem os quarenta mil”. “Os quarenta e cinco mil que eu pedi”. “Os cinco não vem, já chegou os quarenta mil aqui”. Aí ela foi no coronel: “É coronel, já tem os quarenta mil escravos aqui, agora eu quero que o senhor arruma um meio de levá a bagagem desses negros lá para o garimpo”. Aí ele disse: “Não tem jeito”. Porque como levar, que aqui não tem transporte de nada a não ser animal. Aí ele consultando um pessoal, gente mais ou menos fazendeiro, disse não o ser arruma uns quatro positivo é faz uma carta para cada fazendeiro pra trazer os carros de boi pra aqui para levá a bagagem dos negros. Aí ele disse: “É mesmo que eu não tavi advertência”. Aí eles foram fazer as cartas para cada fazendeiro, ele conhecia todos, fez as cartas e mandou entregá nos fazendeiros para os fazendeiro mandar os carros de boi para Porto Real, contando a história toda para os fazendeiros. Aí começou a chegá os carros de boi até chegou o derradeiro dos que ele tinha pedido. Aí ele disse: “Agora já chegou todos os carros de boi, pode por a bagagem nos carros é vamos embora”. Aí cada um pois a bagagem em cima dos carros é viajaram de lá pra cá cortando pau, derrubando pau, até chegou na fazenda Caiçara, aí quando chegou, aí deixou as bagagem, tirou a bagagem dos carros e voltou a carrada pra entregá para os donos lá, aí agora vocês vão carregar as suas bagagem pra serra e aí eles obraram.

Aí os escravos desceu a serra e veio explorá o garimpo aqui embaixo, achou muito ouro aqui e levou de amostar pra ela lá, quando ela viu o ouro daqui ela disse: “Aonde que vocês pegaram esse ouro”. Ele disse: “Foi lá embaixo da serra”. Aí ela disse: “Amanhã vocês vão mim levá lá aonde vocês pegaram esse ouro”. Eles disse: “Sim, senhora”. Quando foi no outro dia ela desceu com eles e vieram e mostrou pra ela, chegou aí eles apurou o ouro e mostrou pra ela. Ela disse: “É verdade, agora nós vai mudar de lá”. Para aqui (...). Nessa época que eles desceram de lá para aqui já tinha muito branco no garimpo que vinha de outra cidade de longe, que vinha por causa do ouro (...). Espalhou a notícia, já tinha muito branco. Aí ela disse: “Vamos mudar de lá para aqui”. Aí mudaram de lá pra cá, ela veio com os escravos e escolheu o lugar para eles fazer a casa dela, ela escolheu aonde aquela casa que o Alarico mora. Aí ela disse: “Vocês é pra fazer a minha casa aqui”. Mostrou para eles aonde era pra fazer a casa e o tamanho, ela falou tudo, explicou para eles, aí eles foram carregar pedra da serra e os outros foram amassando barro e outros levantando paredes, no instante fizeram aquela casa onde o Alarico mora hoje. Aí ela disse: “Agora vocês vão fazer a cantina de vocês comer e dormi”. Aí foi e mostrou o lugar, ali uma turma foi fazer a casa lá da cantina, ela mandou dois pegá uma pedra lá na serra que ninguém sabe como eles trouxe essa pedra e fazer uma banheira de pedra pra ela tomar banho.

Essa história por ele contada tem muito de fantasia e irreal, como por exemplo a presença da princesa Isabel cem anos antes na cidade, mas muitos dos nativitanos a escutam e acreditam ser verossímil.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**TO 01 00 07 F50 01****4.3. CRONOLOGIA**

DATA	DESCRIÇÃO
1734	Originou-se núcleo na Serra de Natividade denominado São Luíz
1770	O ouro aluvião da Serra de Natividade havia diminuído significativamente
1809 - 1815	Sede do Governo do Norte a Capitania de Goiás dividiu em duas Comarcas: Norte e Sul
1837	O viajante Johann Emanuel Pohl descreve o trabalho intitulado “Viagem no Interior do Brasil”

5. USOS ATUAIS**5.1. USOS COTIDIANOS**

O conjunto de lugares da Serra de Natividade é utilizado para os banhos, passeios, e como atração turística, tanto pela sua beleza natural, quanto por seu valor histórico.

5.2. USOS CERIMONIAIS

Não há informações.

6. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
OURIVESARIA	TO010007F6001
FILIGRANA	TO010007F6002

7. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não há

8. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**8.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

BONFIM, Wátila Mislá Fernandes. **Escravidão**: As origens Étnico Lingüísticas e as denominações brasileiras dos escravos e escravas de Natividade do século XIX - 1801- 1810. 2007.

SANTOS, Helena M. S. & CHUVA, Márcia R. R. Estudos de Tombamento. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995. p. 25-26.

Plano Diretor. 2005.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	TO	01	00	07	F50	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Fotos referentes ao anexo de audiovisuais da Fundação Aroeira – TO010007F1A2nº00A, Fotos de 13 a 31.

Lugares - Serra - TO010007F5001A2nº10 fotos de Raphael Mendes e Sandra Lima fotos de 1 a 13

Vídeo em DVD de 56' - TO010007F1A2 nº42 Ourivesaria / Natividade Tocantins

8.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F50A2 nº 10

9. OBSERVAÇÕES**9.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Cabe o aprofundamento do estudo, assim como o registro detalhado do conjunto desses bens. Além da possibilidade de relação com outras categorias do INRC, que atesta sua relevância histórico-cultural, o lugar é de grande relevância histórica para compreensão da própria origem da cidade, tendo em vista existir poucos estudos científicos que possibilitem o entendimento da importância desses bens levantados no INRC para a localidade de Natividade. É recomendável um aprofundamento das narrativas associadas ao lugar (ocupação, as ruínas, as relações sociais, econômicas e culturais, por exemplo), pois isso permitirá a sua reconstrução histórica.

9.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Em virtude de sua importância, e diante das evidências arqueológicas sugere-se um maior aprofundamento principalmente em relação aos vestígios das Ruínas de São Luiz, tendo em vista que os estudos existentes não oferecem subsídios suficientes para se conhecer a História da Origem da Cidade de Natividade.

9.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há.

3. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS			
PESQUISADOR(ES)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Ângela M. Campos, Eunice dos Santos Moura, Gisela, souza, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira l. de Melo, Tatiana Hundrel		
SUPERVISOR	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO		
REDATOR	Valdirene Gomes dos Santos de Jesus- revisada por Sandra Maria Faleiros Lima		DATA Agosto 2007- revisada maio 2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	UFT/FAPTO		